

Perambulações clínicas

AUTOR TRATA DAS CONQUISTAS E DOS TROPEÇOS DA REFORMA PSIQUIÁTRICA NO BRASIL, NUMA ESPÉCIE DE "PASSEIO" QUE MISTURA EXPERIÊNCIA PESSOAL E REFLEXÃO FILOSÓFICA

Aristóteles pensava e ensinava filosofia enquanto andava com seus alunos no Jardim de Apolo. Caminhava pensando e, enquanto pensava, caminhava. O psicólogo Antonio Lancetti, autor de *Clínica peripatética*, entretanto, não se define como aristotélico. Seu paradigma é estético-político e suas referências vão ser encontradas nos filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Antonio Negri. Talvez sejam referências mais poéticas e autopoéticas: a advertência do poeta Antonio Machado ao caminhante é que não há caminho, pois este se faz ao caminhar. Por isso, o livro de Lancetti é um ousado e bem-sucedido movimento no sentido de construir uma nova clínica em saúde mental, que rompa com o *setting* dos consultórios e das instituições, para encontrar os sujeitos onde e como eles vivem, trabalham e trocam afetos. Nesta obra encontram-se relatos de algumas das experiências das quais Lancetti participou com singular protagonismo.

A entrevista com Domiciano Siqueira, um dos pioneiros da proposta da redução de danos no Brasil, é simplesmente fantástica e absolutamente esclarecedora dos princípios e estratégias desta concepção revolucionária do tratamento com dependentes químicos. Um capítulo sobre o trabalho desenvolvido com crianças e jovens usuários de crack nos permite visualizar alguma saída para as políticas, geralmente tão equivocadas, adotadas pelos órgãos públicos neste campo.



ESCOLA DE ATENAS: afresco pintado por Rafael entre 1508 e 1511 mostra filósofos gregos

Lancetti foi um dos responsáveis, ao lado dos médicos Adib Jatene e David Capistrano (1948-2000), pela implantação do Projeto Qualis, um trabalho inovador e peculiar de saúde da família em São Paulo (que atualmente está com forte risco de interrupção), especialmente no que diz respeito à assistência em saúde mental e à elaboração de estratégias para lidar com o sofrimento psíquico. Foi nessa época que Lancetti desenvolveu o conceito de complexidade invertida, que nos faz ver que em saúde mental, ao contrário da saúde em geral, as ações elementares estão no nível terciário (predominantemente hospitalar): medicamentos intravenosos, celas fortes, eletrochoques, medidas disciplinares etc. Já no âmbito de saúde da família

e comunitária, que envolve as relações entre as pessoas, é que está o verdadeiro trabalho complexo, que requer sensibilidade, escuta e habilidades variadas.

Em certa medida, é em decorrência dessa simplificação do modelo assistencial psiquiátrico que a política nacional de saúde mental vem sofrendo uma importante transformação. Ao mesmo tempo que os hospitais psiquiátricos vão desaparecendo, são implantados vários tipos de serviços e dispositivos de atenção psicossocial. Mas, como podemos constatar em *Clínica peripatética*, esse processo não é pura maravilha, nem os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), que são objeto de reflexão de Lancetti. Ele fala com a experiência de quem foi secretário municipal em Santos,

primeira cidade brasileira a desmontar o modelo psiquiátrico centrado no hospital e a implantar uma sofisticada e diversificada rede de estratégias e serviços para o atendimento a pessoas em sofrimento psíquico.

O leitor certamente guardará algumas impressões fortes. Um delas tem a ver com o próprio estilo de fazer política de saúde – política (também) peripatética, feita na rua, na cidade, com os sujeitos e atores sociais, não aquela política de gabinete, de articulações obscuras e viciadas por interesses menores. A segunda impressão é a de que, apesar dos problemas que certamente ocorrem nos novos cenários institucionais, o caminho escolhido vem surtindo bons efeitos: o fechamento dos hospitais psiquiátricos com a simultânea

CLÍNICA PERIPATÉTICA

Antonio Lancetti. São Paulo: Hucitec, 2006. 127 págs., R\$ 15,00.



DIVULGAÇÃO

implantação de serviços comunitários e outras estratégias que transformam o lugar da loucura no espaço público e produzem inclusão social em vez de segregação.

PAULO AMARANTE é psiquiatra, doutor em saúde pública, pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e professor da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), ambas no Rio de Janeiro. É autor de *Loucos pela vida - A reforma psiquiátrica no Brasil* (Fiocruz, 2005) e doutor *honoris causa* pela Universidade Popular das Mães da Praça de Maio, em Buenos Aires.

COMPORTAMENTO

No rastro das emoções

As emoções humanas não permanecem constantes ao longo dos tempos. Com base nessa premissa e tendo como ponto de partida o livro de Charles Darwin, *Expressão das emoções nos homens e nos animais*, de 1872, o jornalista e historiador britânico Stuart Walton explica como, nos últimos 250 anos, as sociedades mudaram as regras sobre o que pode ser expresso em público e em privado. Segundo o autor, nossa vida foi beneficiada por um aumento de honestidade no trato das emoções; algumas delas, porém, como a raiva, alcançaram um espaço que seria impensável em outras épocas. Em prosa elegante, Walton mescla história, filosofia, ciência e cultura popular para construir um relato para cada uma de nossas emoções primordiais – medo, raiva, desgosto, tristeza, ciúme, desdém, vergonha, embaraço, surpresa e felicidade –, mostrando como elas influenciaram nossa história social e cultural. E apresenta, por exemplo, o medo primitivo como propulsor da fé religiosa, o desejo de felicidade como motor das primeiras reflexões sobre a utopia perfeita. O que o autor pretende demonstrar é como todas as emoções nascem dos sentimentos de amor e de ódio, sem os quais não haveria história da humanidade.

Uma história das emoções. Stuart Walton. Record, 2007, 420 págs., R\$ 55,00.



DIVULGAÇÃO